

PSICANÁLISE E RELIGIÃO

Roberto Azevedo*

A Psicanálise surgiu do trabalho clínico e terapêutico, o que equivale dizer que o seu berço foi a psicopatologia. Freud a considerava como um método de investigação, um processo terapêutico e uma teoria psicológica. A partir da sua origem terapêutica, o método e a teoria psicanalítica passaram a ser usados com o objetivo de examinar e de introduzir novas compressões e explicações para diversas manifestações culturais como: a arte, o mito, a história, a linguagem e a religião. Esta utilização passou a ser denominada de “Psicanálise Aplicada”. A pretensão de inovar e reformular métodos e teorias sobre essas diversas manifestações culturais, despertou forte resistência dos mais destacados representantes dessas áreas do conhecimento. Filósofos, antropólogos, linguistas, teólogos, historiadores da arte e da religião sentiram-se invadidos por essa expansão imperialista da psicanálise. Muitos autores sem desmerecer a grande contribuição da psicanálise para compreensão do homem e da cultura posicionaram-se contudo, de uma maneira crítica em relação as novas formulações introduzidas por Freud. Nossa conferência irá se ocupar das incursões psicanalíticas no terreno da antropologia e da religião. Apesar do título deste trabalho se referir especificamente a religião, inevitavelmente devemos passar em revista considerações antropológicas de Freud a partir das quais ele examina aspectos da religião. Seus dois trabalhos mais importantes de aplicação da psicanálise, à antropologia foram: “Tótem e Tabu”, 1912/1913 e o “Mal Estar na Cultura”, 1930. O trabalho especificamente destinado a examinar a natureza e a origem

* Psiquiatra e analista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise-SP.

da religião foi escrito em 1927; sob o título “O Futuro de uma Ilusão”. Strachey, tradutor e comentador das obras de Freud resume as suas diversas idéias sobre antropologia social e religião anteriores a “Tótem e Tabu” e no fim deste livro nos dá uma relação completa de todos os trabalhos de menor importância escritos por Freud sobre a antropologia e religião. “Tótem e Tabu” é uma obra essencialmente especulativa, extremamente interessante e que foi não obstante considerada por muitos antropólogos como um “romance antropológico”. Evans-Pritchard considerava a teoria freudiana exposta no referido livro como “uma historietta simplória”. Uma das razões que levantou muitas críticas dos antropólogos localiza-se já a partir do subtítulo de “Tótem e Tabu” onde pode-se ler: “Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos”. A tentativa de Freud de fazer concordar aspectos da vida mental dos selvagens com a vida mental dos neuróticos decorreu sem dúvida da idéia vigente em sua época que admitia que os povos então chamados primitivos representavam etapas na evolução e desenvolvimento do homem civilizado. Esta concepção estava impregnada pelas teorias evolucionistas de Darwin e Lamarck. Muitas das idéias de Freud foram construídas a partir desses dois autores e também de um darwinista social, professor de zoologia Ernest Haeckel. Este autor foi quem formulou a lei biogenética fundamental que foi tão utilizada por Freud. Ela afirmava que a ontogênese recapitulava abreviadamente a filogênese. De Lamarck Freud serviu-se da teoria da transmissão dos caracteres adquiridos. Acreditava que acontecimentos reais ocorridos na história evolutiva do homem acabaram sendo transmitidos as novas gerações até os nossos dias. Influenciado pelas teorias de Frazer Robertson Smith e Atkinsons desenvolveu a crença de que o estado original a partir do qual o homem saiu do estado de natureza para constituir a cultura foi o da horda primitiva. Freud no seu livro “Tótem e Tabu” nos conta que a humanidade primeva vivia em hordas, com um pai despótico possuidor de todas as mulheres e que impedia pela exclusão e castração qualquer tentativa de aproximação de seus filhos, de suas mulheres. Estas castrações ocorridas nesse período evolutivo passado acabaram sendo transmitidas como registros para as gerações posteriores. Nos conta que esses filhos excluídos por este pai despótico e castrador um dia reuniram-se e aquilo que era impossível um deles isoladamente fazer foi pela união de todos realizado: o assassinato do pai da horda. A este parricídio original seguiu-se um festim orgiástico com as mulheres do pai da horda. Este parricídio foi executado por ações antropofágicas por meio das quais procuravam identificar-se com este pai admirado e odiado. Freud hipotetiza que ao homicídio posteriormente teve lugar a produção de sentimentos de culpa nos filhos pelo ato por eles cometido. Afim de que os próximos pais da horda não sofressem a

mesma sorte e também para que a lembrança do parricídio fosse afastada da consciência substituíram o pai pelo Tótem em relação ao qual mantinham uma atitude de reverência religiosa. Uma vez por ano o Tótem tornava-se objeto de sacrifício sendo morto e devorado. Ele era considerado o ancestral de cada clã podendo ser uma espécie de animal ou vegetal tratado com especial reverência. O Tótem era considerado sagrado sendo expressamente proibido matá-lo ou comê-lo a não ser uma vez ao ano. Com o objetivo de impedir a endogamia surgiu através da construção do Tabu, a proibição do incesto e dessa forma renunciaram às mulheres desejadas do próprio clã. Segundo Freud desta maneira teria surgido a exogamia. Esses acontecimentos dariam origem ao paradigma que instituiria o Complexo de Édipo. Esse complexo implicaria sentimentos ambivalentes em relação ao pai e teria a sua resolução na interdição do incesto e a passagem do estado de endogamia para a exogamia. A partir do parricídio e da culpa que a ele se seguiu foram instituídos rituais pelos quais os “povos selvagens” repetiam e comemoravam o ato homicida agora vivido com a instauração do totemismo. Os sacrifícios animais e a eucaristia cristã segundo Freud são sacramentos que simplesmente repetem o crime que demanda expiação. Deus, o espírito totêmico não é “no fundo nada mais do que o pai exaltado”. Alguns autores assinalaram que a teoria de Freud é simplesmente uma versão moderna da antiga doutrina do pecado original. Para o fundador da psicanálise o pecado original não consistiria na perda da inocência, e da culpa de Eva, mais sim do assassinato do pai com o conseqüente sentimento de culpa. Ele assim se expressa: “o mito cristão, o pecado original do homem é sem dúvida alguma uma ofensa contra Deus, o pai, e se Cristo sacrifica sua própria vida para redimir a humanidade do pecado original somos forçados a concluir que esse pecado foi um assassinato”. Dessa maneira a psicanálise introduz explicações para os tabus, sacrifícios, totemismo, exogamia, proibição do incesto e a origem da vida social e religiosa. De maneira concisa afirma “que os começos da religião, ética, sociedade e arte originam-se a partir do Complexo de Édipo”. O mito do Édipo serve para Freud explicar a origem da sociedade e a ruptura da relação do homem com a natureza e sua introdução na cultura. A cultura surgiria da interdição do canibalismo, do homicídio e do incesto. Freud postulava que a partir da horda primitiva a evolução cultural teria passado por fases por ele denominadas grandes etapas universais. A primeira fase seria animista ou mitológica seguida pelas fases do totemismo da magia, da religião e ciência. Criticava Tylor e Frazer por pensarem que o animismo teria surgido de um “desejo puramente especulativo de conhecer”. Julgava que ao invés de uma explicação racional do mundo seria mais acertado afirmar que as primeiras etapas evolutivas começando pelo animismo de

maneira igual a certas neuroses teriam origem em impulsos emocionais. Freud denominava a “supervalorização dos processos psíquicos” de “omnipotência do pensamento”. Acreditava que este fenômeno encontrado na psicopatologia apresentava um correspondente na onipotência e nos procedimentos mágicos dos “povos primitivos”. A vida psíquica se imporia sobre a realidade das coisas e este tipo de pensamento tornar-se-ia evidente na religião, nas fobias, nas ilusões, sonhos, delírios bem como no pensamento animista. As construções teóricas que resumidamente aqui apresentamos a partir das incursões de Freud no terreno da antropologia dificilmente podem hoje em dia serem sustentadas. A teoria da transmissão biológica dos caracteres adquiridos tão cara a Freud para fundamentar muitas das suas idéias é hoje em dia completamente considerada inaceitável por qualquer biólogo ou geneticista. A teoria da horda igualmente não passa de uma fantasia de antropólogos do século passado tendo sido rejeitada por toda a antropologia moderna. A teoria do totemismo defendida por Freud não encontra nenhum apoio entre os antropólogos e os trabalhos de Lévi-Strauss recoloca essa temática de maneira diferente da formulação Freudiana. A magia dos povos não letrados não constitui uma forma de pensamento permanente nem se identifica com o pensamento mágico nem tão pouco com a onipotência encontrada na neurose obsessiva e na esquizofrenia. A utilização da magia entre os povos agrários segundo Malinowski serve “para dar respostas alternativas em situações críticas” proporcionando ao indivíduo uma sensação de confiança e equilíbrio. Ainda afirma que “a magia floresce onde o homem não pode controlar sua sorte por meio da ciência”. Os “primitivos nunca utilizam a magia para cavar a terra nem fazem conjuros para montar suas canoas”. Isto equivale a dizer que a magia não possui as mesmas determinações de origem que a magia e a onipotência encontradas na patologia. Possuem etiologias completamente distintas. Essas e muitas outras críticas poderiam ser feitas às teorias colocadas por Freud em “Totém e Tabu”. Muitos dos equívocos desse livro decorrem da visão etnocêntrica e do evolucionismo do século passado que julgava os povos agrários ou não letrados como selvagens ou primitivos. O trabalho mais especificamente relacionado com o estudo da religião: “O futuro de uma ilusão está inteiramente consagrado ao exame da natureza e origem da religião. É escrito de uma forma agradável porém nele, podemos sentir que entre todos os trabalhos de psicanálise aplicada, é aquele no qual Freud se ocupa com menos simpatia, mais intolerância e crítica negativa. Considera que a nossa vida está repleta de medos, sofrimentos e desencantos. Que as condições sociais contemporâneas deixam pouco espaço para o amor simples e natural entre os seres humanos. Afirma a necessidade de diversos paliativos para lidarmos com a nossa miséria e conclui

que nossas energias desviam-se para atividades como a arte e a religião nas quais, como nas neuroses conseguimos satisfação através das nossas fantasias. Adota uma posição favorável em relação a arte e a ciência considerando-as sucessos positivos obtidos pela humanidade. Em conversa com o filósofo suíço Paul Habermas afirmou que a arte e a religião são sublimações da libido, mas enquanto a primeira presta um papel importante e positivo para a cultura, a religião mostrava-se socialmente muito nociva. Perguntado pelo filósofo se a psicanálise também não era uma sublimação da libido respondeu de maneira vaga que ela e a ciência constituíam contribuições úteis para a sociedade. Considerava a ciência como antítese da religião racionalmente insustentável e uma maneira insatisfatória de fazer face às dificuldades da vida. Nesse trabalho considera a religião um tipo de ilusão de massas que não reconhecem como tal aqueles que crêem nela. “Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida distorcer a representação do mundo real de uma maneira ilusória ameaçando nossa inteligência. O êxito da religião consiste em algumas vezes evitar que as pessoas caiam numa neurose individual grave, nada mais além disso. “A religião é uma neurose obsessiva universal e a neurose obsessiva é uma religião particular”. Repete certas afirmações de “Tótem e Tabu” onde havia mostrado que a relação pai e filho foi substituída pela relação do religioso com Deus. Deus seria no universo ficcional da religião simplesmente um substituto da figura paterna. Seria o sub-rogado do pai todo poderoso eleito como ideal do seu eu que com sua onipotência, onisciência e perfeição o protegeria de todas as ameaças. Salienta também que a criança acaba desenvolvendo relações de ambivalência com o pai todo poderoso em relação ao qual sente-se ameaçado procurando no mesmo proteção para o seu desamparo. O desamparo infantil seria um estado emocional propício a formação de ilusões e idealizações destinadas a proteger a criança e o adulto religioso que permanece emocionalmente infantilizado. Esta proteção ligar-se-ia à ilusão religiosa de uma vida após a morte representando amparo para o temor do homem diante da mesma. Nos diz que a civilização corre risco muito maior se mantivermos nossa atual atitude para com a religião ao invés de abandoná-la. Modestamente assinala que não está dizendo nada que outros homens melhores do que ele próprio já não tenham dito antes de modo mais completo enérgico e impressivo. Desconfia que suas posições agnósticas talvez prejudiquem muito mais a causa da psicanálise do que sua pessoa. Poderão dizer: “agora estão vendo aonde a psicanálise os conduz. A máscara caiu; conduzindo a uma negação de Deus e de um ideal moral como sempre desconfiávamos”. “Para nos manter afastado desta descoberta é que fomos iludidos a pensar que a psicanálise não possuía uma Weltanschauung e que jamais poderia elaborar uma”. Freud duvida que os homens tenham sido

mais felizes, mais verdadeiros na época que as doutrinas religiosas disputavam de influência irrestrita, quer pelo aspecto repressivo da vida instintiva, quer pela inibição do uso do pensamento crítico. Compara e nisso se aproxima de Marx que o efeito das consolações religiosas assemelham-se ao uso dos narcóticos (a religião é o ópio dos povos). Em essência qualquer atitude religiosa inclusive o sentimento místico de unidade com o universo deriva-se segundo Freud dos sentimentos infantis de impotência. Coloca que três são as fontes do sofrimento humano: a natureza, o nosso corpo e a inadequação da vida social. O que chamamos civilização “é em grande parte responsável pela nossa miséria. Os seres humanos buscam instintivamente o prazer através do amor sexual, que é fundamental para o seu bem estar; mas a cultura e especialmente a religião reprime os sentimentos naturais em detrimento do indivíduo. A neurose é o produto da frustração. As civilizações se constroem sobre a coerção e repressão dos instintos. Ao mostrar a importância das motivações inconscientes Freud como um pensador da suspeita (Ricoeur), junto com Marx e Nietzsche minou a confiança na consciência e no pensamento racional. É preciso que se diga de que isto não significa que esses pensadores especialmente Freud não valorizassem a razão. Muitos autores concluíram apressadamente que Freud fosse um anti-racionalista. Apesar do seu pessimismo e da sua ênfase na importância do inconsciente e de suas forças nunca perdeu a sua fé no pensamento racional. A seguinte citação encontrada no Futuro da Ilusão assim o demonstra. “Podemos insistir tanto quanto quisermos na debilidade do intelecto humano em relação com sua vida instintiva e podemos ter razão sobre este ponto. Contudo há algo peculiar nesta debilidade. A voz da consciência pode ser débil, mas não descansará até que haja conseguido fazer-se ouvir. Ao final depois de uma incontável sucessão de fracassos sempre acaba conseguindo. Este é um dos poucos elementos que podem nos permitir ser otimistas sobre o futuro da humanidade”. É importante, como Fromm chamou atenção para o fato, de que a crítica de Freud vai além de uma mera colocação da religião como uma ilusão. Mostra que Freud realça o perigo que a mesma representa, pois como aconteceu ao longo da história acabou santificando instituições perversas, seja através da proibição do pensamento crítico conduzindo ao empobrecimento da inteligência seja mediante a identificação das normas éticas com as doutrinas religiosas, erigindo a moralidade sobre bases instáveis. A religião ameaça a felicidade humana, a liberdade e a verdade. Sua posição agnóstica, iluminista e humanista, torna-se bastante evidente no seu empenho em superar às superstições e desacreditar a ingênua auto complacência da humanidade. O pensamento desenvolvido por Freud no seu livro não diferencia a problemática teológica e filosófica sobre a origem e a validade da religião.

Mesmo se aceitássemos suas explicações sobre a origem da religião o que muitas delas não representam idéias novas ainda assim teríamos de discutir o problema da validade das idéias religiosas e da idéia da existência de Deus. Sua explicação de que Deus seria a representação idealizada do pai não dá conta de muitas religiões destituídas da idéia de Deus como acontece com o budismo, o taoísmo e o confucionismo. Sua expectativa de que a psicanálise pudesse eliminar o sentimento religioso das pessoas mais amadurecidas não tem encontrado resposta favorável pois mesmo entre os psicanalistas encontramos muitos praticantes religiosos. O preconceito anti-religioso de Freud o impediu de poder examinar o fenômeno religioso de uma forma mais objetiva e satisfatória sem a sua preocupação agnóstica de epistemologicamente demonstrar a existência ou não existência de Deus. A grande maioria dos antropólogos que estudaram as diversas manifestações religiosas se abstiveram de preocupações sobre a existência ou não de Deus. Desta maneira puderam recolher em diversas culturas subsídios preciosos para o estudo da história das religiões e também das religiões comparadas como uma manifestação da cultura humana. Terminamos esta conferência lamentando que pela exigüidade do tempo não termos podido trazer as contribuições sobre a religião colocadas no livro de C.G. Jung e de E. Fromm, bem como diversos trabalhos de antropologia, filosofia e teologia que se ocupam do assunto e que se detêm em críticas sobre a contribuição de Freud para o estudo da religião.